

ROCHA PEIXOTO

# **OBRAS**

VOLUME I

ESTUDOS DE  
ETNOGRAFIA E DE ARQUEOLOGIA

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM  
1967

# A CASA PORTUGUESA (\*)

## PRIMEIRA PARTE

O novo prédio que um engenheiro ilustre edificou na travessa recatada e quase erma que é, no Porto, a rua do Conde, veio a dilatar, concreto e só assim persuasivo, o débil movimento promovido pela aspiração ainda indecisa da nacionalização do domicílio português. Há um tipo ou tipos de habitação nacional, traduzindo materialmente, pelo esquema arquitectónico, pelas disposições gerais da sua traça, pela ordem e ponderação das suas partes e pelos pormenores decorativos, as faculdades de adaptação regional, os costumes, as ocupações e as tendências do povo que as habita? E representa a nova casa um desses tipos, discriminável e irredutível, por entre as vivendas rurais e urbanas de importação alheia, de estilo cosmopolita ou sem estilo, de ilógico transporte dos álbuns para não importa que região de praia ou de cidade, de serra ou de ribeira, de sol ou de névoa, de aridez ou de fragrância? Um julgamento com acerto determina o prévio exame ao que já foi denominado a «unidade característica», ou seja o padrão que vivamente exprima e em si resuma o tipo ou tipos da casa portuguesa.

A habitação é a expressão final da convergência de motivos interdependentes, como sejam a paisagem, a cuja influência naturalmente

---

(\*) Trabalho publicado pela primeira vez em 1904, no jornal portuense *O Primeiro de Janeiro* [Rocha Peixoto — «A Casa Portuguesa (A proposito do novo predio da Rua do Conde)», in *O Primeiro de Janeiro* de 10 de Agosto (p. 1), 12 de Agosto (p. 1) e 13 de Agosto (p. 1) de 1904]. No ano imediato Rocha Peixoto reimprimiu o trabalho, com leves alterações formais e de pontuação, na revista lisbonense *Serões* [Rocha Peixoto — «A Casa Portuguesa», in *Serões*, segunda série, vol. I, n.º 2 (Lisboa, Agosto de 1905), pp. 106-110; n.º 3 (Lisboa, Setembro de 1905), pp. 209-214; e n.º 4 (Lisboa, Outubro de 1905), pp. 318-322].

Nos artigos publicados n' *O Primeiro de Janeiro*, só no último há gravuras (3 desenhos com aspectos da casa de Ricardo Severo, na antiga *Rua do Conde*, no Porto — hoje *Rua de Ricardo Severo*); o texto inserto na revista *Serões* é acompanhado, porém, de 18 fotografias, reproduzindo tipos da casa popular portuguesa e ainda aspectos da citada moradia de Ricardo Severo.

Neste volume das *OBRA*S de Rocha Peixoto transcreve-se o texto saído na revista *Serões*, por ter sido revisto pelo seu autor; e reproduzem-se as gravuras que em 1905 acompanharam esse texto.

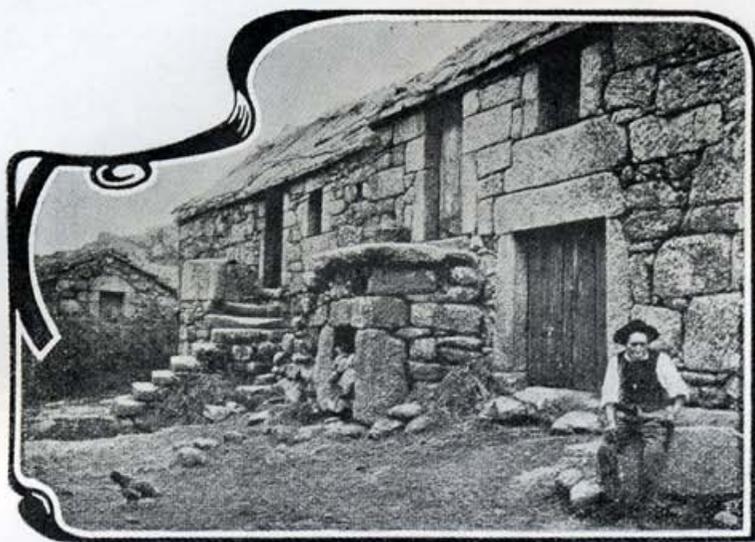
se adapta, os recursos geológicos, os acidentes topográficos, as imposições climáticas e as necessidades e circunstâncias sociais e domésticas, à uma e parcelarmente imperativas. A geologia, primeiramente, dita subordinações que logo emergem da fisionomia exterior de um povoado. Num solo granítico onde a água surge de nascentes com afluência restrita, as casas dispersam-se; no calcáreo, em que elas são mais raras mas copiosas, aglomeram-se: é o caso estremenho, é o caso minhoto. Se a cal abunda a povoação avulta clara e vivaz, como na Beira litoral e no Algarve; se falta, dilui-se confusa e esparsa por entre a vegetação sombria, como no interior beirão e em Trás-os-Montes.

Às vezes a pedra é cara e mais dispendiosas as comunicações e os transportes: fabricam-se então os adobes, de Aveiro para o sul, e nos forros junta-se palha à argamassa (Baixo-Minho) ou entretecem-se com cordas de palma os ripados de caniça divisórios (Algarve). Assim a arquitectura se submete aos recursos naturais, uma vez que edificando-se com adobes não é possível erguer andares ou multiplicar os ornamentos.

Onde a rocha é xisto não raro as guarnições são de piçarra mais rija ou de granito (Campeã, Penaguião, Fozcoa), se a pedra de cantaria está perto e se os recursos não limitam mesmo o luxo da alvenaria até ao nível do sobrado; porque muita vez o andar é só de taipa (Lobrigos, Fontes, Sanhoane) e outras mesmo de madeira a verga, hobreiras e soleira (Bornes, Grijó, Vale Benfeito). Nas zonas de contacto, como em Ovelha e Várzea do Marão e ainda em Montezinho, o prédio é todo de granito, e de lousa, por facilidade e economia, só as coberturas ou beiradas; assentando o burgo sobre o próprio afloramento, uma e outra rocha indistintamente se misturam, como em Abreiro, na junção do granito com o pré-câmbrico; e por fim a exuberância do granito fino e alvacento faz sólidas e garridas medíocres povoações como Lindoso, com as suas amplas lages de cantaria exibindo-se particularmente ao longo das varandas e a toda a altura indivisa das pilastras.

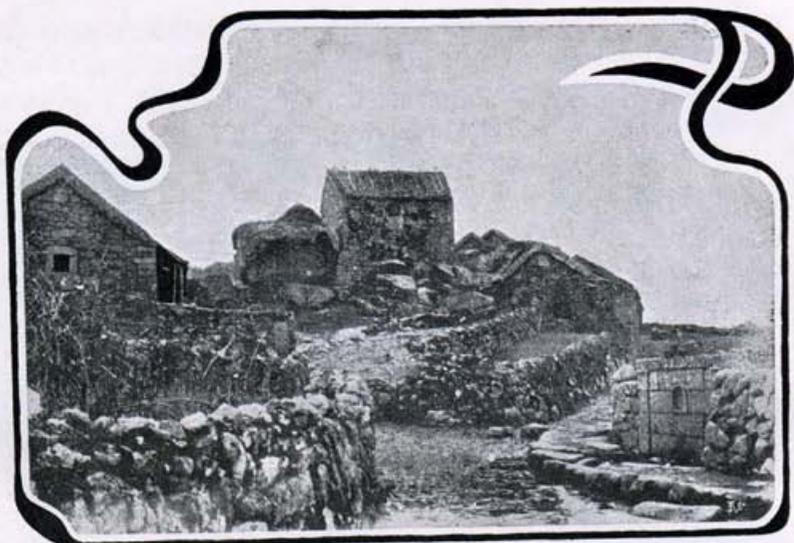
As ondulações do solo, principalmente nas regiões serranas, aproveitam-se muitas vezes numa parte da parede ou mantêm-se no pavimento, tortuoso (Gavieira, Peneda, Campo do Gerês); dos blocos com que o prédio se ultima, em harmonia com a natureza envolvente, dispõem-se quase sem aparelho, sem preocupações de fiadas, nem rebocos (Gralheira, Serra da Amarela, Adrão no Suajo).

Ainda do domínio da geologia é a formação incessante de medões que do litoral para o interior mordem a terra de lavoura. Para atenuar a instabilidade do solo e sobretudo onde ela mais vivamente se acen-

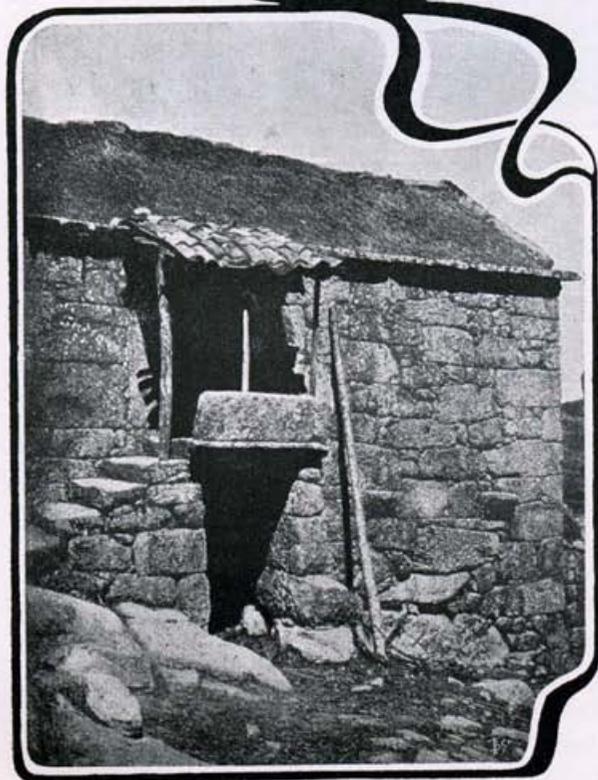


Em Castro Laboreiro.

*Cliché de Rocha Peixoto*



Em Castro Laboreiro.



Na Gralheira.

*Clichés de  
Rocha Peixoto*

tua, o pescador da costa de Mira, na Ria de Aveiro, o da Cova de Lavos, para além da foz do Mondego e o de Vieira, nas proximidades de Leiria, erige uma parte dos seus palheiros sobre estacas. É por entre estas, um metro e mais acima do pavimento movediço que a areia passa para ir formar distante a duna; e assim insulado entre o medão e a linha das marés, o burgo assume o aspecto estranho e imprevisito das antigas povoações lacustres.

A adaptação ao clima obriga a providências e previsões que se exibem, em escala variável, na fisionomia exterior dos edificios. O telhado de beiral alongado e balcão avançando, atenua os efeitos das ardências e nevadas; para que os gelos se não demorem tem a cobertura um rápido pendor (Marão); e os ventos desabridos da montanha, a despeito da escolha em recantos de encosta abrigada, demandam as fiadas de pedras fixando a telha, as grossas placas de xisto cobrindo os telhados igualmente xistosos (Marão, Arga), os barrotes e grossas vigas fixando os colmos (Barroso, Campeã, Montemuro). Para protegerem do frio, as varandas são baixas e vedadas (Serra de Arga, Labruge), estreitos os respiros e postigos, muito chegadas ao beiral as janelas diminutas e escassas (Ermida e Germil, na Amarela) e colmados os chapéus com palha-centeia, giesta ou feno seco. É o que se observa em todas as povoações da serra e, com extensa amplitude, no famoso planalto barrosão, a começar em Basto ou em Boticas, seguindo até à Serra das Alturas, abrangendo os numerosos povoados da vasta chã de S. Vicente, compreendendo as povoações das margens do Cávado perto das origens, avançando até às faldas de Larouco e penetrando ainda nas terras espanholas de Videferre, Gironda, Vila Maior, Rendim e mais além.

Por vezes, entanto, a ventania é persistente e violenta e com ela o abaixamento da temperatura constituem um flagelo; então, como em Castro Laboreiro, os povos mais altos de Portos, Seara, Rodeiro e outros mais, mudam das *verandas* ou habitações de verão, para as *inverneiras*, residências mais baixas, situadas num vale profundo e abrigado da tormenta. O êxodo começa no mês do Natal para junto do rio, que na estação dos frios se expande e ruge desabrido entre o fragedo; e pela Páscoa, quando pelas lombas abrigadas já as belgas reverdecem e se desenham os mosaicos de feno que os vidoeiros enfeixam e limitam, as populações voltam das cubatas — da Entalada, Dorna, Mareco, Varziela, e Canheiras — para o granjeio das leiras altas e só agora apenas suportáveis.

Com a influência das razões orográficas, hidrográficas, geognós-

ticas e meteóricas vem a da paisagem, que delas deriva, e que explica o contraste dos aspectos das povoações fúnebres e sombrias das abas das Serras de Bornes, da Nogueira ou do Alvão, por exemplo, e as alvas e cantantes aldeias dos vales minhotos. Assim ainda na arquitectura, na esbelta gracilidade de alguns pormenores, nos desmandos mesmo da policromia, em oposição às linhas hirtas e simples dos «montes» das herdades transtaganas, por entre uma natureza onde não há bruscos ressaltos, imprevisos relevos, exuberantes seivas, riachos que dessedentem a charneca ardida e fulva.

Quando todos ou alguns destes factores se não opõem, o instinto da sociabilidade determina o agrupamento do casario e sobretudo em regiões de planície, outrora principalmente abertas a ciladas sortidas. A concentração era uma necessidade colectiva para a defesa; com a disseminação e o isolamento avultavam os riscos de ataques e incursões, contra as quais a providência de algum dos moradores fizera abrir officios aos lados das sacadas para o fácil despedir dos zagalotes e dos quartos na hora ousada ou traiçoeira dos assaltos. Entretanto o regime da propriedade interfere na compacidade ou afastamento, aglomerando os vizinhos nas zonas dos domínios restritos, como no Norte, ou dispersando as moradias, como nos latifúndios do Alentejo.

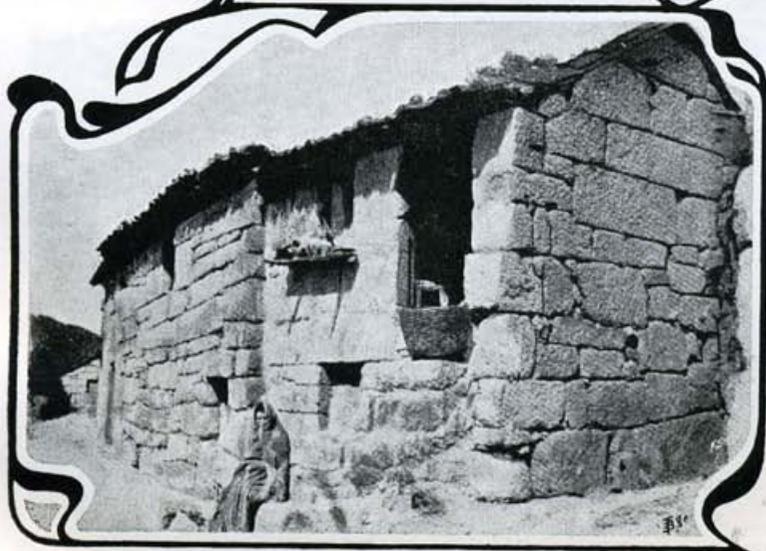
Para a aglomeração concorrem ainda certas formas do comércio e da indústria, como a da pesca, juntando nas proximidades da abra ou da enseada mais humilde os que se entregam à piscicultura, ou ainda à função mista de pescarias e lavoura (Apúlia, Aguçadoura, Lavra); o fabrico das loiças, nos solos produtivos de argila plástica (Prado, Tondela, Aveiro); o trânsito de mercadorias e viajantes, como no Pico, Famalicão e Amarante, depois diminuídos ou estáveis com o desvio dos trajectos pela viação acelerada.

A desagregação do núcleo central em lugares distantes, aliás enquadrados na mesma similitude de aspectos e costumes, efectua-se quando circunstâncias económicas determinam a busca de outras facilidades de subsistência que no burgo inicial já se não logram. Todos podemos assistir agora a um desses interessantes casos de desintegração na *vila* do Suajo, distante da qual embrionam o lugarejo da Açoreira, com dois ou três casais e o de Campo Grande, já com seis: como outros, aqui e em toda a parte, são a viva imagem e a continuidade do aglomerado donde vêm.

Anotados abreviadamente os conjuntos, destaquemos as formas e desentranhemos delas, se é possível, os tipos.



Em Campeã.



Em Gondar, faldas do Marão.

Em Moreira de Lima, faldas da Serra de Arga.



No Suajo.

## SEGUNDA PARTE

A cabana de madeira, que primitivamente se dilatara pelas colinas da Roma antiga e que iniciou povoações mais tarde investidas, como Londres, num destino proeminente, foi um dos tipos de habitação em algumas estações lusitanas, subsistindo pelos tempos históricos e perdurando até hoje nos conhecidos palheiros litorais.

Para abrigo de utensílios de pesca e de sargaço (Moinho do Bispo, Fão, Gramadoura, Lavra) ou para habitação (Espinho, Furadouro, Costa Nova, Torreira), as barracas de tabuado deixaram na toponímia — Cabanas, Cabana Maior, Cabanelas, Cabanões, etc., — os vestígios da sua inicial e extensa propagação. Mas já nas cidades se edificara paralelamente com pedra, vendo-se ainda no vale do Mondego, como despojos evocantes, casas circulares colmadas à mistura com outras quadradas em que a abertura, boleando pouco a pouco, acaba nitidamente cónica. Na Gralheira e em Alhões (Montemuro) ainda aparecem casas redondas como a antiga habitação do lusitano; e em Bobadela, na Beira, a povoação viva junta à cidade extinta, renascendo uma da outra, permitem compreender, das civilizações pré-romana, romana e pós-romana, os elos dum encadeamento ininterrupto.

A casa terreira da montanha, traduzindo o mister agrícola-pastoril do habitante, mantém-se sempre numa elementar rudeza construtiva. Colocam-se os blocos sem cimento ou dispõe-se o xisto em assentadas, deixando fendas por onde o fumo se esvai ou a luz entra; e a pedra, com um miúdo aparelho poligonal, nem sempre se justapõe à feira e raramente é escudada. Sob o colmaço de duas ou quatro águas, com lages fixando os cumes e latas de madeira transversais (Pitões, Covelães, Vilarinho de Negrões) a fuligem pende em estalactites ou sequer como reveste interiormente as paredes de verniz. Três, dois, mesmo um só compartimento aloja animais e pessoas. Onde é cozinha é tudo: ali se dorme, ali se tece, galinhas sobre os catres, porcos familiares, ovelhas estorvando a mulher na sua ocupação com o sarilho ou dobadura, numa canastra a criança e o cão dormindo juntos (Tibo, alturas da Peneda, Gavieira).

Na ribeira a casa térrea, frequentemente, é ainda pouco mais que uma cabana, em roda da qual ou anexadas estão as cortes da rês e dos marranchos, o coberto e o celeiro. A mesma simplicidade da montanha se vê ainda na coabitação e aposentos, na disposição da pedra bruta, na cobertura a telha vã, nos postigos desguarnecidos e com o desagasalho da ausência de vidraças. Erguendo, porém, um andar, a fachada

## ROCHA PEIXOTO

mostra-se com duas, três, quatro janelas sob as quais se abrem óculos ou frestas que vão tênuamente iluminar e arejar os estábulos ou os armazéns de provisões. O ingresso, vindo de fora, faz-se muitas vezes, desde a Maia ao vale do Vouga, pela porta intermediária do prédio e do muro que veda o quinteiro enramado. Lateralmente ao edifício, ou ainda na face oposta à frontaria, uma escada de pedra sobe junta à parede até ao nível do sobrado. Outras vezes a escada mostra-se na fachada, partindo dum alpendre superior central ou a um dos lados, seguindo para baixo com guarda lavrada ou não, e de cujo remate se eleva, para o beiral, uma coluna jónica de fuste esguio e longo.

A habitação rural toma outro aspecto com as longas varandas ao correr. De pedra e fechadas, vêem-se, conforme a exposição, junto das serras (Várzea e Ovelha do Marão); de madeira são as comuns, assentando sobre pilastras (Cabração, Moreira do Lima, Estorãos), ou fixadas em cachorros (Bouro, Suajo, Gerês). A comunicação para o sobrado faz-se pela escada perpendicular ou encostada; nos baixos recolhe-se uma parte da apeiria e está a adega, a salgadeira, às vezes celeiros e até cortes. Em roda a eira, as medas e moreias, o poço, as cortes e cortelhos, o galinheiro, a casa do cão, os espigueiros ou canastros (Arcos, Barca, Ponte de Lima), os telheiros com as barras onde se guardam os empalhos de inverno para o gado (Baião) ou se livram das chuvadas os pães que secam no eirado.

No Minho, a varanda salienta-se geralmente da fachada; em Trás-os-Montes este anexo subsiste e, como além, não raro se firma em esteios da rocha regional, granito ou lousa; se assenta, porém, sobre o travejamento que vem da parede mestra e dela parte a escada encostada à frontaria (Bragança, Vimioso), alonga-se o beiral protegendo a uma e outra. Sucede, entanto, que muitas vezes o andar recolhe dentro e a balaustrada então se nivela com a frente (Penaguião, Vila Real).

Na Beira, a varanda tem igualmente apoio na parede mestra, espessa no pavimento inferior e reintrante no segundo; não variando a parede todavia, de prumada o balcão subsiste firmado em cachorros ou esteios. A disposição e situação da varanda, que nas raras casas de dois andares passa para o último (Bouro, Gerês, Moncorvo), é outra nos prédios em que um pátio interior evoca a clausturada dos conventos; à excepção duma das faces, que encosta no vizinho ou onde se rompe o amplo portão de ingresso, nas três restantes corre de nível com o sobrado (Tourém) exibindo o aspecto, certamente mais modesto, desta parte complementar da crasta dos mosteiros.

O carácter que imprime à casa de lavoura a ausência ou disposição



Em Melgaço.

Em Ancede (Baião).



*Clichés de*  
Rocha Peixoto



Em Argivai (Póvoa de Varzim).

dos balcões e das escadas é ainda alterado por outros pormenores e minudências. Assim é que dos telhados, ressaltando à frente sobre cachorros de madeira recortada e ligados ao frechal (Braga, Guimarães, Barcelos), sobem chaminés de tipos vários, como as boieiras (Montezinho), trapeiras (Campeã) ou goteiras (Minho e Douro), as bombas (Braga e Porto), as que lembram pombais (Amarante), ou semelham túmulos, minaretes e zimbórios (Alentejo e Algarve).

No Norte, o pavimento é térreo ou empedrado, e revestido de tijolo no Alentejo; os peitoris salientam-se um decímetro para fora (Monção, Melgaço, Guimarães); as padieiras e ombreiras são lavradas, chanfradas ou só lisas, se é que, em muitos casos, estas guarnições nem se destacam; ladeando as janelas e para a seca das frutas, de roupa ou para vasos, avultam mísulas de xisto, de calcáreo ou de granito; a palhoça ou telha vã é um abrigo que assim fica ou se reveste de forro, em masseira ou caixotão; o forno ou é comum ao povo (Barroso), ou um anexo indispensável na cozinha, ou um acessório independente no exterior (Algarve); a lareira ou é a grande lage usada na ribeira ou a cova funda adoptada na montanha (Castro Laboreiro).

Por fim as grimpas ou veletas figuradas (Póvoa de Varzim, Vila do Conde); os ângulos em bico de loiça nos telhados (Beira Baixa) ou rematados por pombas e brutescos de olaria (Eixo, Ílhavo, Aveiro); as cabeças de sáurios ao alto nas chaminés ou como gárgulas (Póvoa, Vila do Conde); as portas almofadadas, mosqueadas de grandes pregos (Sendim de Miranda) ou ornatadas em relevo e policrómicas (Maia, Paderne, S. Gregório); os galeões, de velas pandas, lavrados em calcáreo nos cunhais (Lisboa); os escudetes recortados para os fechos; os retábulos de azulejos; os nichos e as cruces de pedra embutidas nas fachadas; os relógios solares; as ferraduras (Porto) como impedimento ao mau olhado; as pilheiras, interiormente, para a loiça, o caniço para a castanha, a gramalheira para o painel, os assentos de pedra nas janelas, os couções, os sôtãos, os falsos, os alçapões, as trancas, os ferrolhos, os taramelos; e ao largo os bate-bates, ralhadeiras, taramelas e cataventos; as medas de cucuruto enfeitado com torres e flâmulas; os poços de bomba e rodízio ou carretel; as burras (Alfândega da Fé), baldes (Mirandela) ou cegonhas (Coimbra) e os pombais, como moinhos de vento, independentes em Melgaço, Monção e Trás-os-Montes e historiados e encostados às chaminés no Alentejo completam os acessórios das habitações que, com os rocios, as alamedas, os ribeiros, as pontes, as alpondras, os moinhos, as azenhas, as fontes, os chafarizes, as capelas,

os cruzeiros, as ermidas, as alminhas e os pelourinhos, dão, em vários graus, a fisionomia das povoações de Portugal.

De tão simplista arquitectura e da sua associação com vários destes pormenores há lugar para o destaque duma casa ou casas de indefectível estilo nacional? De modo nenhum.

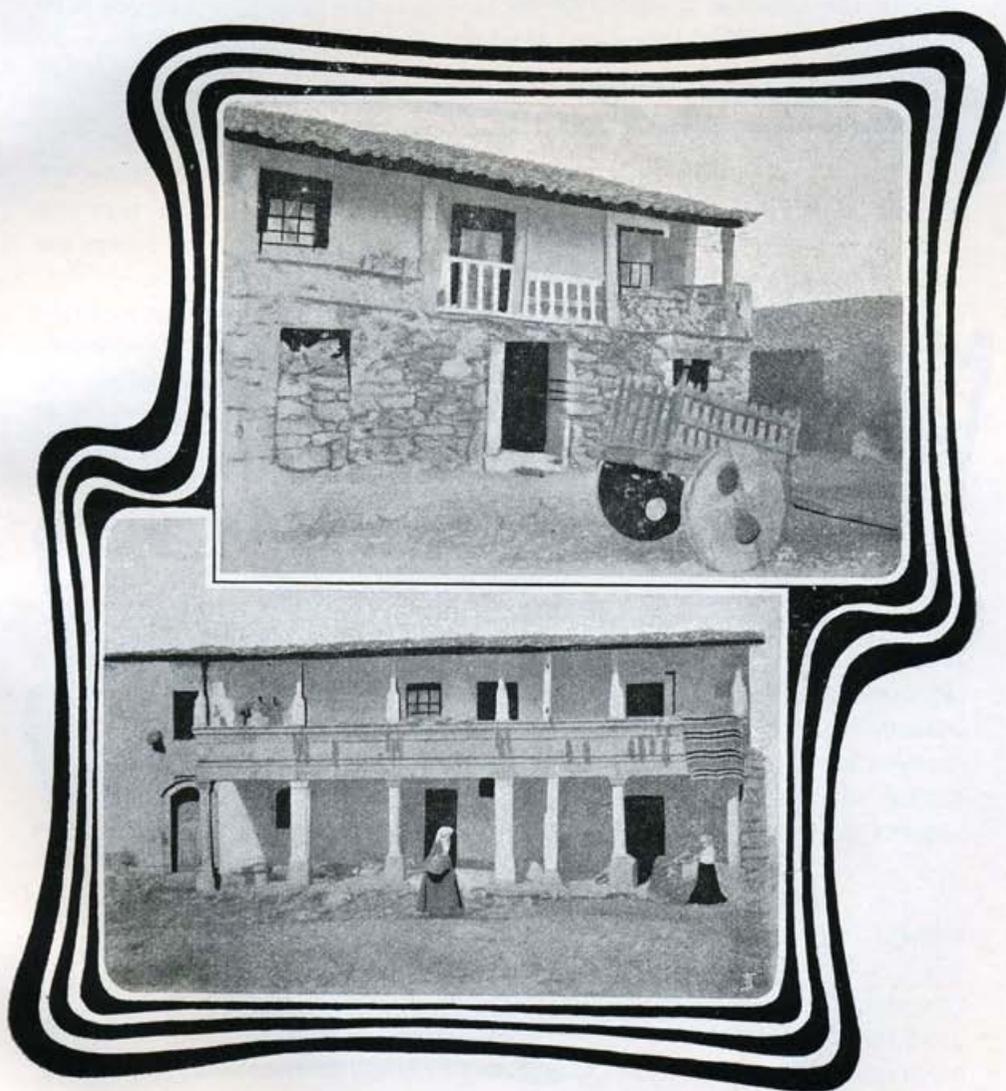
Aqui, como noutras regiões de Espanha, de França, principalmente no Languedoc e na Provença, da Itália meridional e até da Argólida, os tipos de habitação exprimem apenas, para povos aliás com parentesco na mesma estirpe étnica, uma adaptação a circunstâncias locais sensivelmente idênticas. O prédio em que os baixos arrecadam e armazenam e no andar existem os aposentos de viver, com escada exterior encostada à fachada ou lateral, resume entre nós, como nos países aludidos, a estrutura da casa de lavoura. Divergências secundárias regionais e alguns dos pormenores não modificam fundamentalmente a traça inicial, mesmo quando o estado de fortuna ou algum devaneio da estética local excedem os modelos tradicionalmente consagrados. E os outros prédios, as casas terrenhas, são a bem dizer universais, sempre que as de outro país se emoldurem nas mesmas condições que explicam as nossas.

Já um historiador insigne afirmara que o cultivador minhoto, «absorvido pela terra que o alimenta, pede à casa só um abrigo, sem luxo, nem conforto». A asserção é extensiva a maior âmbito. E deveras nenhum espelho tão fiel do espírito nacional de que o interior da casa em que se vive. Ele nos dá a impressão da sua tradicional penúria, da índole rude e violentamente utilitária, da indigência mental dum povo absolutamente carecido de faculdades artísticas, a um tempo amorudo e interesseiro, pagão irredutível ainda quando beato, escravo por vício de origem, por hábito histórico e por eterno assentimento grato e conformado.

Muitas vezes quando as prosperidades do casal ensejam o levantamento dum andar ou o gozo da pueril vaidade de transmudar a moradia primitiva em casarão, o esquema fundamental em nada altera e até os costumes subsistem, utilizando-se os novos aposentos, afinal vagos, na arrecadação das tulhas ou na transitória apropriação a madureiros.

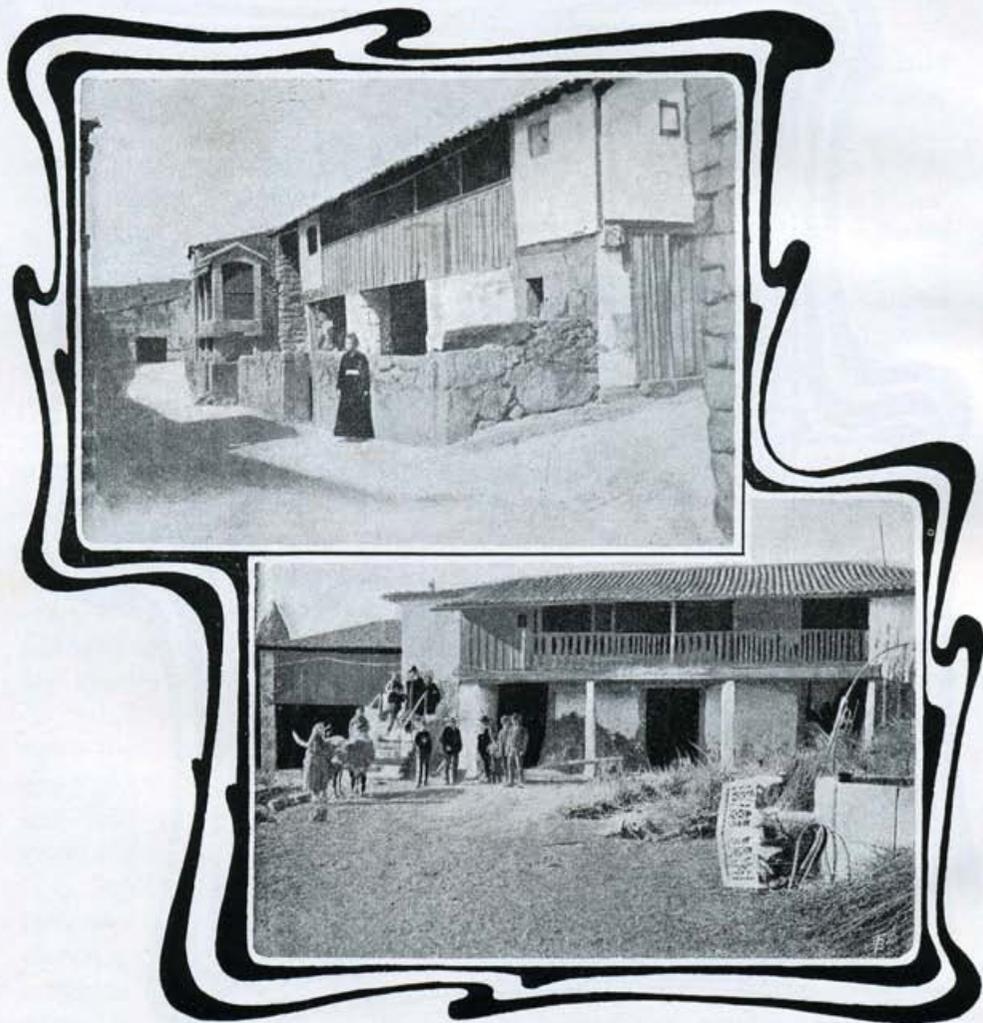
A habitação entre nós é, pois, uma consequência da adaptação às várias circunstâncias naturais e sociais que a condicionam — mas isto apenas. E as casas senhoriais, com o seu vasto terreiro enfrentando a longa frontaria em que uma dupla escada, começando a divergir do pé, converge no alto sob a alpendrada, umas com capela, outras

Em Terra de Miranda.



Em Terra de Miranda.

Em Melgaço.



Nos arredores de Braga.

com torres laterais, outras com torre central ameiada, outras ainda com diversos aspectos de exterior, são às vezes a modificação erudita ou a corrupção pedante da modesta casa de lavoura e mais frequentemente um tipo de importação francesa ou italiana — como agora!

Seria realmente estranho que um povo sem autonomia artística, logrando só, para enlevo próprio, o episódio do *manuelino*, que é uma enxertia num estilo, resumisse apenas as suas faculdades criadoras no prédio que erigiu em domicílio!

Mas se não temos uma arquitectura exclusivamente nossa, nem rural nem urbana, e por sinal é escassa a nossa originalidade nos pormenores e acessórios, a tradição que radicou numerosos costumes compartilhados por povos afins, igualmente consagrou os tipos de casas já descritas e que afinal, como o assegura um longo tempo decorrido, melhor se acomodam ao génio do povo que as habita.

### TERCEIRA PARTE

A preferência da fachada principal adoptada na nova casa da rua do Conde, recaiu, com todo o acerto, no tipo de prédio rural cuja expansão e conformidade de estrutura com os seus destinos nacionalizaram já, no norte do País, uma arquitectura tradicionalmente generalizada. O seu construtor, Ricardo Severo, que além de engenheiro é um arqueólogo ilustre, não buscou na edificação urbana nem o modelo nem a sugestão para o projecto, uma vez que, ainda mais do que no campo, nós não criamos um estilo de casa citadina.

Temos que apagar resignadamente esta outra ilusão!

Sem dúvida que o antiquário, vagabundeando pelas antigas cidades e vilas portuguesas, encontra frequentemente motivos para a sua emoção de amoroso do passado: são os antigos bairros que subsistem em Lisboa, Porto e Guimarães; as velhas terras fortificadas de Valença, Miranda e Montemor-o-Velho — para citar, abreviadamente, exemplos ao acaso — as ruas quase inteiras ou os edificios esparsos de Évora e Santarém, de Celorico, Trancoso, Viseu e Lamego, de Coimbra, de Guimarães e Braga, de Ponte de Lima e Viana; e por último numerosos pormenores que sobreviveram às restaurações em Melgaço, Caminha, Cerveira, Ponte da Barca, Vila do Conde e muitas mais, principalmente as portas e janelas em ogiva, manuelinas, e do renascimento, as varandas torneadas de madeira em renascença ou de ferro enfeitado

e torcido à maneira gótica, as rótulas ou crivos à mourisca, os graciosos alpendres ponteagudos, os modilhões recortados dos beirais.

Os prédios notáveis, ou pela vetustez ou pelo valor artístico, como a desmantelada Casa do Senado de Bragança, do século XII, talvez único tipo subsistente entre nós de edifício urbano em românico, o Paço de Coimbra, invulgar exemplo de habitação senhorial do século XVI e ainda, na mesma cidade, a linda casa de Sub-Ripas, em manuelino e renascença, são exemplos de raridade a assinalar.

Mas a antiga vila ou cidade portuguesa, abafada e cingida de muralhas, apenas geralmente comportava, nas suas ruelas acotoveladas, tortuosas, imundas e sombrias, um casario cuja indigência construtiva denunciava logo a penúria histórica do seu humílimo habitante.

Na cidade fronteiriça de Miranda, por exemplo, a sua principal artéria ainda exhibe muita habitação com a idade de três e quatro séculos. São velhos prédios de frontaria em osso, espessa e estreita e de cobertura prolongada, muito perto da qual ficam janelas reduzidas, assimétricas por vezes, outras geminadas, de ângulo em alguns casos e noutros rasgadas em sacadas para o ulterior acrescento de varandas; as molduras das portas, manuelinas, ogivais e rectangulares com o chanfro característico nas arestas da verga e das ombreiras, são da mesma ingenuidade e barbárie que avulta das caraças da cachorrada e dos baixos-relevos que ornam os lintéis ou ocasionalmente a silharia. E esta arquitectura de transição, como logo adiante a dos séculos XVII e XVIII, revela-nos, mais que as dissertações escritas, as influências sofridas através da nossa indigência material e estética, amesquinhando e barbarizando, por incultura artística e por falta de dinheiro, os estilos que importámos.

É decerto essa ingenuidade bárbara que aos ornamentos e detalhes dá o «sentimento regional», como sucede com os acessórios da casa rústica, quase todos sem raiz local mas com a alteração produzida através das faculdades e circunstâncias já aludidas.

Imagine-se a perplexidade do construtor a quem se pedisse uma casa estreitamente inspirada num dos modelos comuns e nacionalizados de cidade ou aldeia portuguesa, acrescida de todos os conchegos e regalos que pode exigir, com fortuna, o viver contemporâneo! O embaraço, pelo que tal anelo comporta de inexequível, ainda encontraria preferentemente a melhor das soluções na decisão que conduziu Ricardo Severo a associar e a adoptar dumas e doutras, do norte ao sul, mais recentes ou mais remotos, os elementos com que erigir harmónicamente, ponderadamente, a vivenda onde «o sentimento nacional» não exclui

o luxo dos seus cómodos, admirável e magnífico. Do resultante hibridismo etnológico e arqueográfico deriva pois a habitabilidade com a amplitude e conforto que a vida moderna permite e facilita, carecidos como sempre estivemos, num modelo de casa e até numa dada região, de elementos suficientes, para a comodidade e para a vista, com que se erga um arcabouço e se alinde.

Assim é que a fachada principal radica no exemplar de casa rústica em que uma escada perpendicular ao começo, logo inflecte encostada à frontaria. A varanda para que dá firma-se em colunas com as quais os dois arcos de volta inteira provocam a lembrança, entre outras, das casas ribeirinhas. Da guarda do balcão erguem-se os colunelos que suportam, neste caso, um alpendre abaulado e deprimido. E imediatamente à varanda logo avulta um corpo saliente, processo habitual com que se amplifica a casa rústica onde o espaço escasseia ou a fortuna permite o desafogo.

No ângulo verticalmente oposto ergue-se a torre, que uma grimpá historiada mais prolonga, com graça, para o alto. Seguem-se, das suas duas faces exteriores, as fachadas do sul e do poente que aliás não desmancham, com os seus anexos e pormenores decorativos, buscados em parte na casa urbana, a lógica com a fachada principal. Mas já na face que volta para o norte domina o corpo saliente, firmado à frente em colunada jónica, como na casa citadina foi e ainda se vê, no Porto por exemplo em Miragaia, na Sé e na Vitória.

À reminiscência árabe ou romana, tão pouco comum entre nós e tão frequente em Espanha, liga-se a adopção dum pátio interior, de que o exemplo duma casa da Rua da Ilha, em Coimbra, com o seu discreto poço e claustrada, é um vivo depoimento a relembrar. No da casa da rua do Conde enfeixam-se os elementos heterogéneos que afinal resultam da sobreposição de influências mais ou menos assimiladas e coexistentes embora sob aparências antagónicas: nicho devoto numa das faces; na outra Vesta e Ceres do paganismo heleno-latino, em grandes composições de azulejo monocromático, ladeando a fonte de mármore em cuja taça um golfinho, como os de loiça do século XVIII, verte, num murmúrio perene, um fio líquido; nas paredes, por fim, o azulejo de faixa e contra-faixa, branco e verde, como um arcaico modelo hispano-mourisco do século de quinhentos.

Para o chapéu deste prédio a telha preferida foi a que, desde os ímbrices romanos até aos produtos das humildes telheiras aldeãs, abrigou e ainda cobre a maioria das casas portuguesas: nos ângulos finda em bico, como é comum no sul à maneira oriental; dum pendor

irrompe a chaminé em grade, minhota ou alentejana; e no vértice da torre morre numa grimpá esbelta, com a esfera armilar característica e o leão rompante do armorial — no brasão, na tapeçaria e na cerâmica.

De entre os balcões, abrigados por um telhadinho ou sobrecéu, avulta o que, na face sul, se veda por uma linda gelosia. Inspirou-o certamente o modelo que em Vila Real, é um enlevo, sem par entre as persianas quase extintas de Leça da Palmeira ou as rótulas da Braga mística. E como os balcões, também as janelas reproduzem velhos tipos, ou geminadas, ou com a bandeira separada pela verga de cantaria, à maneira do século XVI, com dossel em telhas de faiança, como na matriz de Valença, com peitoril relevado, com os cachorros laterais para os vasos de cravos, mangericos e gerânios.

De todas, porém, as duas janelas de ângulo, foram, pela revivescência dum pormenor quase olvidado e pela justa escolha da dependência em que se abriram, uma das mais lindas adaptações que é possível buscar em casa urbana portuguesa; raramente se logra ver alguma em Vila do Conde, em Braga, em Miranda e para o sul, e é grato observar ainda em Moncorvo a do prédio contíguo à Misericórdia ou em Coimbra a da casa da Rua do Norte, a manuelina do Museu do Instituto e, na rua das Solas, o belo e discreto exemplar da Renascença.

Resta anotar na frontaria os *SS* ornamentais com que remata a guarda da escada, comuns no prédio rústico e ainda no átrio em que principia o lanço nas velhas casas de vila ou de cidade; o edículo para o relógio de sol, às vezes nas casas das eiras, nos cunhais e nas alminhas; o ferro de suspensão historiado para a lanterna, como nos oratórios e retábulos; os respiros obtidos com a cruz de Cristo, tão vulgar nas igrejas românicas, ou com a suástica flamejante que, junta a trísceles e tetrásceles, constituem os mais belos ornamentos da Citânia de Britteiros; o alisar em azulejo do corpo saliente onde os vasos dominantes, as cabeças de carneiro, as sereias, os fachos e os festões breve sugerem, em frescura e encanto, as mesmas aplicações do século XVIII, ou ainda como lambris nas salas de jantar, em alegretes, nas fontes, nos bancos de repouso, pela calma, entre arvoredos.

Outros pormenores dispersos completam a grande maioria dos que era possível ou exumar dum passado longínquo, ou avivar ao espírito nacional, esquecido e desatento. Para o ingresso logo se dá com o coberto e seu portão almofadado, pregueado e, nos fechos, com os dois grandes espelhos, resumindo em abertos os símbolos das preocupações do povo que os gestou — religião, amor, superstição — cruz, signo-saimão e corações. Já no prédio, numa entrada, um quadrinho

em azulejo, com uma imagem de hagiografia popular, desperta a profusão de S. Antónios que em Lisboa encimam as portas ou se implantam nos átrios. E por fim, entrando, esta luxuriante revivescência dilata-se pelo interior com o opulento brilho que só raras e contadas casas lograram em Portugal: são os lambris de castanho, de carvalho ou de nogueira, em talha da mais grácil e mais esbelta renascença; são as portas almofadadas como certas das igrejas e das gavetas dos arcazes; são os vitrais com emblemas míticos, o símbolo manuelino e a linda muleta do Tejo; é a faixa azulejada em que revive o debuxo que etiquetou o tipo, na península, com a tão sugestiva designação de bico-de-diamante; é ainda a variedade de tectos e o esplendor das suas rosáceas e consolas; é a hábil aplicação das orlas gregas, dos meandros e dos ovados; são, por último, os estuques, um dos quais, de importação italiana e outrora bem frequente entre nós, fino e ao de leve relevado, se expande em exuberâncias de pingentes, de bambolinas, de grinaldas e de laçarias.

Esta casa, pois, com as suas magnificências de interior e os confortos facilmente depreensíveis, constitui um verdadeiro Museu de pormenores e de motivos que resume épocas, estilos e influências através da capacidade e do sentimento nacionais.

Desta arte, mais do que em qualquer outra tentativa, ficam patentes os recursos de que nos é lícito dispor para a edificação duma «casa portuguesa».

Porto.